

## **O enquadramento jornalístico em reportagens do G1 e da BBC sobre o incêndio no Museu Nacional**

Eduarda de Medeiros PAZ<sup>1</sup>  
Letícia Almansa KLUSENER<sup>2</sup>  
Márcia Franz AMARAL<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O artigo analisa duas reportagens sobre o incêndio do Museu Nacional no dia 2 de setembro de 2018, do site BBC News Brasil e do portal de notícias G1. A reflexão parte da perspectiva do enquadramento a partir do antropólogo Erving Goffman (1974), o cientista político Robert Entman (2007) e a socióloga Gaye Tuchman (1993). E dos aportes dos discursos com o filósofo Bakhtin (2016) e o Doutor em Ciências Sociais Martino (2018). Assim, os resultados a partir da revisão teórica evidenciam como as reportagens possuem métodos narrativos divergentes entre si para explicar o mesmo acontecimento, possuindo processos de construção social, cultural, de seleção de fatos e escolha do ângulo particulares de cada jornalista e de cada meio comunicacional.

**PALAVRAS-CHAVES:** enquadramento; discurso; jornalismo; reportagem; incêndio.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo observar os enquadramentos dados pelos portais G1 e BBC News Brasil na cobertura do incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro em 2 de setembro de 2018. Para isso, analisaremos algumas formas de enunciar utilizadas para justificar o porquê o incêndio teria acontecido e como esta forma de comunicar junto com as fontes buscadas contribuem para dar enquadramentos à matéria.

Dia 3 de setembro de 2018, o Museu Nacional localizado no Rio de Janeiro foi destruído devido a um incêndio. Vigilantes que estavam no local relataram que o ocorrido teria começado por volta das 19h30 do dia 2, um domingo. O incêndio se espalhou rapidamente, tendo em vista os materiais inflamáveis e a estrutura do prédio, que era boa parte de madeira. O laudo da Polícia Federal aponta que incêndio teria começado na fiação do ar condicionado no auditório.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, email: [dudademedeirospez@gmail.com](mailto:dudademedeirospez@gmail.com)

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, email: [leticia.klusener@acad.ufsm.br](mailto:leticia.klusener@acad.ufsm.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria

O Museu Nacional é vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sua fundação foi no dia 6 de junho de 1818 e era considerado um dos maiores museus de história natural e de antropologia das Américas. Abrigava cerca de 20 milhões de itens históricos e foi residência da família real portuguesa durante 13 anos. No entanto, o Museu já funcionava com o orçamento reduzido durante 3 anos antes do incêndio, tendo em vista os cortes de verbas destinados às universidades públicas.

O acontecimento teve enorme repercussão tanto no Brasil quanto no exterior. Uma carta, subscrita por 21 renomados pesquisadores, publicada na revista *Science*, de 27 de setembro de 2018, faz um alerta à comunidade internacional e afirmou que o “fogo que consumiu os arquivos históricos é uma metáfora do estado atual da ciência no país” (LACK, 2018, p. 1322).

Posto isso, para desenvolver a reflexão sobre as coberturas dos portais G1 e BBC News Brasil, utilizaremos como revisão teórica autores do enquadramento como o antropólogo Erving Goffman e o cientista político Robert Entman. Já para a análise discursiva, o filósofo Mikhail Bakhtin e o Doutor em Ciências Sociais Luis Mauro Martino.

## **REVISÃO TEÓRICA**

O conceito de enquadramento para os estudos de jornalismo tenciona pressuposto da objetividade jornalística, pois são construídos pela subjetividade de cada profissional. Erving Goffman, no livro “*Frame Analysis* (1986)”, debate como os enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, os quais permitem os sujeitos a criar sentidos dos eventos e das situações sociais, ou seja, o processo cognitivo e a base de conhecimento de cada indivíduo gera a interpretação do framing.

Os frames de determinado fato organizam o fluxo contínuo de atividades do cotidiano. A socióloga Gaye Tuchman citando Smith (1974) comentou que além disso, o enquadramento também pode governar a constante organização social dos próprios acontecimentos (1993, p. 259). Diante disso, percebemos a relevância de gerar discussões em cima desse conceito, devido a seu amplo leque de objetos de pesquisa para serem analisados.

Para os jornalistas, os enquadramentos são construídos relacionando-se com suas rotinas produtivas e com as formas que cada um percebe o acontecimento, elaborando no enquadramento da notícia a constituição da sua própria forma de ver a realidade. Nesse viés,

Porto define os enquadramentos noticiosos como “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados pelos jornalistas para organizar seus relatos” (2004, p. 91). Assim, a matéria jornalística recebe o ângulo do profissional que a produziu, isto é, recebe a sua maneira de enxergar tal acontecimento.

O conceito relaciona-se com os primeiros estudos da comunicação, principalmente, com o modelo descritivo do ato da comunicação desenvolvido pelo teórico estadunidense, Harold Lasswell em 1948: quem, diz o quê, em qual canal, para quem, com que efeito. Dessa forma, a estrutura comunicacional precisa de um emissor, da mensagem e do receptor. Por conseguinte, Entman argumenta que os enquadramentos “apresentam ou aumentam a saliência ou importância aparente de certas ideias, ativando esquemas que encorajam audiências-alvo a pensar, sentir e decidir de uma forma em particular” (2007, p. 164).

Sendo assim, fazendo uma conexão com a estrutura de Lasswell: o enquadramento é a mensagem transmitida para o receptor. Além disso, Entman (1993, p. 52) aponta que frames podem definir o caminho de julgamento morais, de perceber problemas, conseguimos assim notar como este é fundado em uma dimensão ideológica. O autor coloca também que por isso o processo de comunicar não é visto somente em uma instância, como o interlocutor ou a cultura, mas sim no relacionamento entre estas.

Diante disso, podemos nos lançar à Mikhail Bakhtin. Em “os gêneros do discurso” o autor coloca que independente do objeto do discurso de quem fala, este objeto não se torna enunciado pela primeira vez e este falante também não é o primeiro a falar sobre (BAKHTIN, 2016, p. 61). Ademais, ressalta que “o objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes”. Para Bakhtin (2016), um discurso sempre vai estar sendo enunciado a partir de outras vozes. Além disso, o autor ressalta que todo enunciado tem uma resposta, seja ela afirmativa ou não e que a passividade ou omissão também é uma. Posto isso, podemos dizer que a neutralidade não existe nem na linguagem e que o sujeito sempre vai se posicionar dependendo das escolhas que fizer.

Nesse contexto, é de suma importância discutir também o lugar do jornalismo na criação da memória, nesse caso, de um patrimônio histórico do Brasil. Segundo Martino (2018, p. 170) o livro “Mímesis e Modernidade”, explica que toda narrativa, seja ela literária, histórica ou cotidiana, é criada por valores e classificações da sociedade, na qual é produzida.

Como já mencionado anteriormente, ao escrever ou contar um acontecimento o sujeito coloca suas perspectivas de como compreender tal realidade. Outrossim, o discurso jornalístico junto com as heranças sociais e culturais de cada indivíduo, permite o desenvolvimento da opinião pública sobre determinado fato.

As narrativas jornalísticas, muitas vezes, utilizam-se de eventos passados no intuito de desenvolver a memória de um acontecimento. De acordo com Tavares e Antunes (2016),

Os jornalistas ajustam a rememoração e as reconstruções dos acontecimentos não apenas tomando como referência eventos passados, mas também de acordo com sua agenda e pauta de notícias. O recorte do passado que é retomado no texto e o tipo de futuro que é especulado depende do que os editores e jornalistas acreditam em âmbito público, das convenções jornalísticas e das ideologias pessoais (TAVARES; ANTUNES, 2016, p. 101).

Dessa maneira, os jornalistas funcionam como condutores da extensa cerimônia cultural, política e histórica que acontece na sociedade e, ao trazer o presente para a perspectiva do passado, proporcionam uma relação de familiaridade com determinados eventos (TAVARES; ANTUNES, 2016, p.102). Então, a construção dessa memória social funciona como uma ação catalisadora na formação da opinião pública sobre um acontecimento.

## **CONTEXTO DE INCÊNDIOS EM LOCAIS HISTÓRICOS NO BRASIL**

O descaso mais recente em um espaço cultural e histórico no Brasil ocorreu em um depósito da Cinemateca, localizado na Vila Leopoldina em São Paulo, no dia 29 de julho de 2021. A Cinemateca Brasileira foi criada em 1940 com o objetivo de preservar a história do cinema brasileiro através de longa-metragens, curtas, materiais de cinejornais, publicidades e outros conteúdos armazenados em 250 mil rolos de filmes.

Em dezembro de 2020, o Ministério Público Federal de São Paulo (MPF-SP) moveu um processo contra a União diante da situação de abandono do local após o término do contrato de gestão da Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (ACERP). A hipótese é que o incêndio começou em uma manutenção nos sistemas de ar condicionado, até o momento não se sabe o que foi perdido e o que pode ser recuperado. Em 2016 parte do acervo foi atingido por um incêndio de condições similares a esse e em 2020 o depósito foi atingido por uma forte enchente.

Em julho de 1978, o Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro perdeu telas de Picasso, Miró, Dalí e de centenas de artistas brasileiros, como Portinari, por um incêndio que durou 40 minutos. O jornal O Globo fez uma cobertura de 5 páginas no dia após o ocorrido.

Em 2008 o Teatro Cultura Artística de São Paulo, inaugurado em 1950, foi destruído por um incêndio que durou mais de quatro horas. As obras para a restauração do local tiveram vários prazos e em sua maioria não foram cumpridos. A reestruturação começou mesmo apenas em 2018 e a previsão para o término é em 2021.

Vale ressaltar que em 21 de dezembro de 2015, o mesmo ocorreu no Museu da Língua Portuguesa, no centro de São Paulo. De acordo com o site de notícias BBC News Brasil, na época Isa Ferraz, curadora do museu, classificou o incêndio como uma ‘tragédia’. Inaugurado em 2006, era um dos museus mais visitados da América do Sul e o primeiro do mundo a ser dedicado somente a um idioma. O Museu está sendo reinaugurado este ano, em 2021, após seis anos do ocorrido.

A falta de recursos, muitas vezes, é a causa do descaso com os locais e patrimônios históricos. O Museu Nacional, em 2015, chegou a fechar por um período, devido ao atraso de repasses de verbas do governo federal para o pagamento dos funcionários. Além disso, a UFRJ, responsável pelo Museu, estava passando por uma crise financeira e os repasses para o Museu não estavam sendo pagos no valor total. Portanto, três anos antes do incêndio, o local não tinha recursos para pesquisas e manutenções nas estruturas.

Em março de 2020, a UFRJ assinou um acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Fundação Vale para ajudar na reconstrução do local. De acordo com site de notícias G1, o projeto batizado de Museu Nacional Vive, vai receber R\$ 50 milhões para a restauração. No total de verbas, já conta com R\$ 164 milhões, pois recebeu aporte do Ministério da Educação (MEC), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) e do setor privado. A inauguração está prevista para maio de 2025.

## **O CORTE DE VERBAS E A REPERCUSSÃO NO G1 E BBC NEWS BRASIL**

Em 2018, ano do acontecimento do Museu Nacional, em um período de 10 anos, incêndios ocorreram em ao menos 7 prédios com tesouros culturais e científicos no Brasil. Posto isso, como a produção jornalística por meio da lógica de noticiar e do enquadramento pode ajudar a prevenir ocorridos como esses?

Para responder a este questionamento fizemos a análise de uma matéria de cada portal escolhido, G1 e BBC, tendo em vista os conceitos já elencados aqui. O Portal BBC News Brasil, assim como o G1, após ter recebido a notícia do incêndio passou a produzir matérias noticiando o acontecido. Algumas têm somente a explicação do fato. Contudo, outras, utilizam uma apuração mais complexa para tentar entender o que realmente aconteceu.

Publicada no dia 3 de setembro de 2018, no portal digital da BBC News Brasil, intitulada “Verba usada no Museu Nacional em 2018 equivale a 2 minutos de gastos do Judiciário e 15 minutos do Congresso” compara a questão orçamental do poder público com as verbas destinadas ao Museu. A reportagem se inicia pontuando que mesmo com tantos itens históricos, o Museu Nacional não valia muito para o Governo Federal. Posto conseguinte, faz uma relação dos gastos do Museu com os gastos por minuto do Congresso Nacional, “Os R\$ 268,4 mil gastos pelo Museu em 2018 até agora equivalem, por exemplo, a menos de 15 minutos de gastos do Congresso Nacional em 2017”. Ainda faz relação dos gastos da Câmara, do Senado e do Poder Judiciário. Nesse sentido, a utilização da comparação entre os valores por minuto do Governo e do Museu, o jornalista constrói uma narrativa que possa fazer sentido para o leitor, que fique mais próximo da sua realidade, o processo dialógico ocorre (BAKHTIN, 2011).

O texto jornalístico traz também sobre os gastos do governo em 2017 para fazer a relação, “O mesmo valor de R\$ 413 mil - verba do Museu em 2017- é também 15 vezes menor que os R\$ 6,5 milhões que o ex-governador do Rio, Sérgio Cabral, e sua esposa Adriana Ancelmo gastaram com a compra de jóias de 2000 a 2016”. Além de produzir uma breve explicação de como as verbas repassadas ao local estavam em queda desde 2013. Dessa maneira, percebemos como a reportagem da BBC focou-se em números para elaborar o conteúdo, utilizando-se das comparações para melhorar o entendimento do texto.

Partindo agora para o G1, bem como a BBC, o site faz uma referência ao valor orçamentário do Museu. A reportagem publicada no dia do acontecido tem como título “Museu Nacional sofria com falta de reforma e orçamento reduzido, e chegou a anunciar

'vaquinha virtual' para arrecadar dinheiro”. Diferente da outra matéria, o portal não cobra o poder público pelo valor, mesmo relatando que o Museu fez ‘até vaquinha na internet’ antes do acontecimento. O texto aborda mais sobre como o local precisava de reformas urgentes, mas sem os recursos da UFRJ e da campanha online estava difícil a situação para isto.

“A instituição deveria receber um repasse anual de R\$ 550 mil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que passa por uma crise financeira. Há três anos, o museu só tem recebido 60% deste valor”. Nesse viés a reportagem ainda comenta sobre o bicentenário do Museu em junho daquele ano - 2018 - e como a vaquinha era para conscientizar os indivíduos sobre a importância histórica do prédio, como afirma Alexandre Kellner, diretor da Instituição, “o que nós estamos tentando fazer através dessa campanha é mostrar às pessoas que elas podem contribuir, sobretudo ao Museu Nacional, que está completando 200 anos em 6 de junho”. Conseqüentemente, a reportagem foca mais na falta de repasses da UFRJ e na campanha online feita para arrecadação, logo, mesmo que as duas matérias analisadas abordam o mesmo assunto - a escassez de recursos - o enquadramento é diferente.

Com estas considerações, retornamos às ideias expostas na revisão teórica. Ao pontuar os gastos do poder público e fazer uma relação com minutos, o enunciador utiliza de uma forma que responsabiliza o governo pelo acontecido, determinando o caminho à julgamentos de um possível leitor. Ademais, ainda pensando em fazer comparações e quais são estes pesos, a reportagem compara os gastos com a reforma utilizada pelo Maracanã que fica próximo ao Museu. Mais uma vez, recorre a associação e a um julgamento nas utilizações do dinheiro público para que o leitor tire suas concepções sobre o acontecimento a partir disto.

Já a reportagem do G1, prioriza comentar sobre como a UFRJ não fazia os repasses totais, porém sem mencionar como as Universidades Públicas, desde 2015 estão sofrendo com cortes de gastos do governo. Outrossim, ao explicar sobre o contexto da vaquinha, a reportagem não trata sobre a falta de valorização, muitas vezes, da população brasileira em relação a museus históricos e culturais, os quais refletem a memória do país; apenas volta a discorrer sobre a escassez de repasses pela Universidade. Conseguimos perceber que o enquadramento narrativo colocado é capaz de levar o leitor a responsabilizar, somente, a UFRJ.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, nota-se pela análise das duas reportagens a importância dos estudos jornalísticos com base no enquadramento. Pela lógica explorada na revisão teórica, percebemos como reportagens não são um reflexo da realidade, mas sim, um processo complexo que parte de uma visão construcionista de seleção, angulação, e saliência dos acontecimentos do cotidiano (SANTOS JÚNIOR; OLIVEIRA, 2013, p. 17).

Diante disso, de acordo com Almeida Costa (2019, p. 264), citando Sousa (2002, p.5), “as notícias são histórias que resultam de um processo de construção, linguística, organizacional, social, cultural, pelo que não podem ser vistas como o espelho da sociedade/realidade”. Por isso, ao analisar as reportagens entende-se como elas possuem um discurso jornalístico, em vários pontos, divergentes entre si. A escolha do jornalista André Shalders da BBC News Brasil ao utilizar a comparação com setores do governo mostra a sua compreensão sobre o acontecimento, levando em conta também a linha editorial dos dois portais.

Vale ressaltar ainda como as narrativas foram empregadas nas duas matérias. Conforme Martino (2018, p. 171), “narrativas são espaços de disputas pela definição de qual é a interpretação mais próxima dos acontecimentos”. Nesse sentido, na matéria do G1 ao dar ênfase mais para o repasses incompletos da UFRJ, mostra uma das diversas interpretações possíveis. Todd Gitlin (1980), sociólogo estadunidense, afirma que “os enquadramentos da mídia organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre eles, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias”.

Dessa forma, o jornalismo é uma **das instâncias sociais que** organiza a opinião pública sobre acontecimentos e constrói a memória dos eventos em seus leitores, espectadores e ouvintes. Por fim, é válido mencionar a necessidade de continuar desenvolvendo pesquisas nessa área com diferentes objetos, visto que o campo de análise é amplo e pode ser usado para investigar múltiplas questões envolvendo o jornalismo, tal como políticas, sociais, culturais e históricas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os Gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARREIRA, Gabriela; CAETANO, Larissa. Museu Nacional assina acordo para auxiliar na reconstrução após incêndio. **G1**, Rio de Janeiro, 3 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/03/museu-nacional-assina-acordo-para-auxiliar-na-reconstrucao-apos-incendio.ghtml>>. Acesso em: 08. fev. 2021.

ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, vol. 43, n° 4, p. 51-58, 1993.

\_\_\_\_\_. **Framing Bias: Media in the Distribution of Power**. **Journal of Communication**, v. 57, n.1, 2007. p. 163-173.

GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching**, Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. 2th ed. Boston: Northeastern University Press, 1986. Primeira edição em 1974.

LACK of science support fails Brazil. **Science**, v. 361, n. 6409, p. 1322-1323, 28 Sept 2018. Disponível em:< <http://science.sciencemag.org/content/361/6409/1322.2>> Acesso em: 06. fev. 2021.

MARTINO, Luís Mauro. **Métodos de Pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. 2018, p. 168 - 172.

MUSEU Nacional: Em 10 anos, fogo dizima ao menos 8 prédios com tesouros culturais e científicos do país. **BBC News Brasil**, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45348664>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

MUSEU Nacional sofria com falta de reforma e orçamento reduzido, e chegou a anunciar 'vaquinha virtual' para arrecadar dinheiro. **G1**, Rio de Janeiro, 2 set 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/02/museu-nacional-sofre-com-a-falta-de-reforma.ghtml>>. Acesso em: 8 de fev. 2021.

PORTO, Mauro. Agendamento da política. In: RUBIM, Antonio A. Canelas (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. p. 73-104.

SANTOS JÚNIOR, dos M. A; OLIVEIRA, de L. A. Os enquadramentos na cobertura da eleição presidencial de 2010 do Jornal Estado de Minas. **Revista Iniciacom**, v, 5, n., 2013. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/1641>>. Acesso em: 08. fev. 2021.

SHALDERS, André. Verba usada no Museu Nacional em 2018 equivale a 2 minutos de gastos do Judiciário e 15 minutos do Congresso. **BBC News Brasil**, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45377267>>. Acesso em: 8 de fev. 2021.

SILVEIRINHA, Maria João. “Opinião Pública”, in António Albino C. Rubim (org.), **Comunicação e Política - conceitos e abordagens** (Org.), Salvador: Edufba, 2004. p. 409-449.

TAVARES, M.S; ANTUNES, E. Jornalismo, memória e mito: um olhar sobre a vitória de Barack Obama em 2008. **LÍBERO**, n. 35, p. 99-110, 2016.

TUCHMAN, Gaye. Contando ‘estórias’. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.